

# A Mensagem poética de António Jacinto

## The poetical Mensagem of António Jacinto

FABIO MARIO DA SILVA  
Universidade de Évora – Évora – Portugal



**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo apresentar uma panorâmica geral, se bem que sintética, da escrita literária de António Jacinto – poeta angolano que sonhou um futuro melhor para o seu país através da sua obra literária, assim como do seu posicionamento político. Primeiramente se demonstrará o seu enquadramento nas problemáticas em que se envolveu a atividade da revista *Mensagem* (de Luanda), da qual fez parte e na qual participou ativamente, e, de seguida, far-se-á uma breve incursão sobre as principais temáticas tratadas na sua obra poética, apontando o caráter inovador desta no contexto da produção literária africana coeva.

**Palavras-chave:** António Jacinto; Poesia; Revista *Mensagem*; Literatura angolana

**Abstract:** The objective of the present investigation is to give a general view on the literary work of Antonio Jacinto – a renowned Angolan poet who dreamed a better future for his country through his writings as well as through his political positions. First, it will be given an account of the matters which relate to the poet's active involvement in the magazine *Mensagem*. Next, it is discussed the main themes of the author's poetical work, with a particular focus on its innovative character in the context of today's African literature.

**Keywords:** António Jacinto; Poetry; *Mensagem* magazine; Angolan literature

### 1 A Mensagem angolana

As perspetivas que a poesia de António Jacinto (1924-1991)<sup>1</sup> proporcionou à literatura angolana através da sua subjetividade, sem esquecer, porém, os problemas sociais do seu país, trazem um certo “modernismo” a uma literatura que, em vias de facto, se vinha “nacionalizando”, através do “Grupo da Mensagem”, primeiro, e, seguidamente, com a independência de Angola em 1975. Recorde-se que a *Mensagem* (de Luanda)<sup>2</sup> foi uma revista na qual escritores como António Jacinto começaram a implementar ideais de liberdade, erguendo-se contra o fascismo e o nazismo, numa necessidade de pensar Angola na tentativa de nacionalização e conhecimento da sua literatura e cultura, já que os “mensageiros” queriam “estudar a terra que eles tanto amavam e tão mal conheciam” (ERVEDOSA, 1979, p. 101). Destaca Costa Andrade que a revista nasceu no musseque de Luanda e, apesar de ser adjacente à poética da negritude, tinha uma essência própria:

A negritude provém de um círculo parisiense, enquanto a poética da *Mensagem* é parabólica e angolana. Se não efectivamente na forma inicial e na temática, a diferença

principal reside nos pontos de partida e consequências. A negritude vai dos intelectuais, da burguesia africana em formação, para as massas [...]. A *Mensagem* vem das massas angolanas para os intelectuais e dela resulta um movimento revolucionário de base e formação popular, o MPLA (ANDRADE, 1980, p. 59).

<sup>1</sup> António Jacinto do Amaral Martins nasceu em Golungo Alto, Angola, de pais portugueses ali emigrados. Fez parte do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola, foi Ministro da Educação e Cultura, e também um dos fundadores da União de Escritores de Angola.

<sup>2</sup> Recorde-se que existe uma revista homónima, da Casa dos Estudantes do Império – CEI, que publicou a partir de 1 de junho de 1948 em Lisboa. Incluindo poemas de António Jacinto, reuniu, contudo, textos de diversos autores e culturas de ex-colónias portuguesas, enquanto a *Mensagem* de Luanda focou especificamente o contexto angolano. Explica-nos a dinâmica dessa outra *Mensagem* Pires Laranjeira: “Os textos insertos na *Mensagem* provêm de um escol intelectual das colónias e da Europa, que andava à procura da difusão e instauração de novas culturas autónomas, emergentes no seu da cultura letrada europeia [...]. A *Mensagem* aparece como lugar de convergência de vontades políticas que pretendem impor uma nova maneira de produção cultural e de intervenção cívica no modo de conceber a identidade africana, nacional, social e individual” (1996:14). Contudo, pela sistematização, divulgação, parcerias e circularidades, Maria Rosa Monteiro credita à *Mensagem* da CEI um maior destaque: “A leitura extensivo-comparativa da *Mensagem* de Lisboa com a *Mensagem* de Luanda deu-nos indicadores históricos interessantes [...]. Mostrou-nos, sem querer menosprezar o movimento de Angola, e até no que ele teve de futuro e cimentação de nacionalidade, que os da C.E.I., necessariamente, afinal, estavam mais coesos e coerentes com seus projetos, refiro-me especificamente aos âmbito literário” (2001, p. 330).

A geração da *Mensagem* trouxe não apenas uma maneira de (re)pensar o que é ser angolano, como também a sua forma de estruturação literária subverteu os padrões vigentes na época, acarretando uma nova proposta modernista, muito *sui generis* no seu contexto africano<sup>3</sup>. Francisco Soares chama-nos a atenção ao explicitar que:

Em certo sentido, os poetas da *Mensagem* foram “estrangeirados”. Naquele sentido em que o estrangeirado é o renovador que atesta uma sensível fascinação pelo que vem de fora, típica das sociedades limítrofes. O estrangeirado não é aquele que se alienou com uma cultura desconhecida, mas o que nessa cultura foi encontrar, já desenvolvidas e libertas, as ideias que no seu país circulavam mitigadas, mastigadas (...). Os autores angolanos do princípio dos anos 50 do nosso século também se tornaram neorealistas<sup>4</sup> por estrangeiramento neste sentido do termo, tanto mais que o receberam por via de literaturas de outros continentes (a brasileira e a dos Estados Unidos, a portuguesa e a francesa) (SOARES, 2001, p. 188).

Esse “estrangeiramento” é uma mostra do cosmopolitismo que o movimento modernista do começo do século trouxe à literatura, adaptando-se à realidade de cada país, o que no caso de Angola aconteceu tardiamente, com influências de outras escolas literárias, e com uma proposta de literatura voltada muito sensivelmente para se descobrir enquanto africana e angolana. A liberdade dos versos propunha uma nova modernidade literária na escrita, na temática e na estética, tendo como um dos principais membros desta “modernidade” António Jacinto.

Salvato Trigo explica-nos que a princípio os poetas da *Mensagem* foram fortemente influenciado pela literatura brasileira (Manuel Bandeira<sup>5</sup>, Jorge de Lima, Jorge Amado, José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos), como que encontrando nela um “espelho” (uma identificação) para a criação de uma literatura autêntica. Concordamos que estes poetas, inicialmente, procuravam meios de identificação com o Brasil, não apenas por encontrarem na literatura brasileira, diferentemente da Portuguesa, características mais próximas das personagens e paisagens angolanas, mas por se aperceberem que a língua portuguesa e a literatura no Brasil se tornaram criadores e autênticas representações do povo e da cultura brasileira. Assim o expressou poeticamente Maurício de Almeida Gomes:

Ribeiro Couto e Manuel Bandeira,  
poetas do Brasil,  
do Brasil, nosso irmão,  
disseram:  
– É preciso criar a poesia brasileira,  
De versos quentes, fortes, como o Brasil,  
Sem macaquear a literatura lusíada.  
(apud FERREIRA, s.d., p. 85)

A *Mensagem* não pôde, no entanto, levar por muito tempo o seu projeto, fosse pela pouca circulação das suas propostas, fosse pelo pouco tempo de existência<sup>6</sup>. Recordemo-nos que depois de publicado o segundo número da *Mensagem* (números 2/4, em outubro de 1952), sob a responsabilidade do Departamento Cultural da Associação dos Naturais de Angola (ANANGOLA), as autoridades coloniais silenciaram o movimento, criando logo em seguida a ABECUL (Associação de Beneficência e Cultura de Luanda), controlada pelo regime político: de certo modo, essa “associação” era um meio de mostrar que o Estado controlador incentivava a cultura, e existindo este órgão que produzia “cultura” em Angola, injustificava-se o outro. O movimento da “Mensagem Angolana” foi silenciado, todavia, para os poetas essas vozes não se calaram, tendo sido lançadas as primeiras sementes para a construção de uma literatura com identidade própria, angolana, bem como para o grito de independência que os poetas igualmente proclamavam:

Organizados no “Movimento dos Novos Intelectuais de Angola” fizeram “*Mensagem*”, para denunciarem o contrato, o assimilacionismo, a europeização social, a opressão, a prostituição, a marginalização social, cientes de que uma poesia que publicamente atacasse esses aspectos negativos do colonialismo contribuiria segura e decisivamente para operar o renascimento de Angola e proclamar a angolanidade libertadora (TRIGO, 1979, p. 71).

António Jacinto não apenas participa como incentivador e forte ativista do “Grupo da Mensagem”, mas prossegue luta própria e individual pelos ideais em que acreditava, poetizando a reflexão sobre as injustiças sociais do seu país.

<sup>3</sup> Aliás, Hamilton Russel destaca que a “*Mensagem* emite um gesto de descoberta preluando uma literatura social e politicamente comprometida” (1981, p. 82).

<sup>4</sup> Muitos críticos portugueses insistem em dizer que autores como Jorge Amado, José Lins do Rêgo, Raquel de Queirós e Graciliano Ramos seriam “neorealistas”, como se de facto na literatura brasileira tal tivesse mesmo existido: o que se constata é que tais autores fizeram parte daquilo que se chama no Brasil, segundo Alfredo Bosi, “romance de 30”, também conhecido como “ciclo nordestino”, sendo que o termo “neorrealista” caracteriza um movimento literário consistente na literatura portuguesa. Assim, parece-nos que tais críticos portugueses analisam a literatura brasileira relacionando-a com os movimentos literários desenvolvidos no seu próprio país. Mas o mesmo perpassa também no pensamento de Salvato Trigo, por exemplo, na obra “A Poética da Geração Mensagem”, na qual o crítico denomina Jorge Amado de escritor neorrealista (cf. 1979, p. 77).

<sup>5</sup> António Jacinto confessa a Michel Laban que do Brasil recebia e enviava diversos poemas, “principalmente de camaradas da *Revista Sul*, de Santa Catarina” (1991, p. 45), bem como revela a influência de Manuel Bandeira (1991, p. 171).

<sup>6</sup> Por isso Carlos Everdosa refere a problemática de difusão desses ideais, visto que “os movimentos literários angolanos pecaram pela sua reduzida difusão pelo grande público. Não amparados pelos grandes meios de propaganda que são em Angola a Imprensa e o Rádio, sem uma editora que lhes publicasse os livros, os novos escritores não lograram alcançar senão um limitado número de leitores” (1963, p. 43).

## 2 A “Mensagem” jacintiana

Fazer poesia, olhar de forma crítica para a sociedade, sem perder as características do texto poético, aparenta ser tarefa para poucos. Jean-Paul Sartre, assumindo-se responsável e sentindo-se no dever de intervir na sociedade, acredita que “Pareillement la fonction de l'écrivain est de faire en sorte que nul ne s'en puisse dire innocent” (1948:29-30). O crítico, porém, não reconhece ao poeta a capacidade para desempenhar a “função militante” que atribui ao prosador, acreditando que o poeta escolhe as palavras como coisas e não como signos – se o poeta narra, explica ou ensina, a poesia torna-se prosaica e ele perde o desafio. António Jacinto, contrariando, através da sua proposta poética, o posicionamento teórico de Sartre, é um dos primeiros poetas, na literatura angolana, a produzir verdadeiramente poesia e a relacioná-la com questões sociais: não a torna uma bandeira política, mas, por ser um homem conscientemente politizado, não consegue escapar a questões determinadas pelo seu ambiente social<sup>7</sup>. O poeta expressa sentimentos/sensações/impressões através da sua língua/linguagem, que para além de ser língua portuguesa tem uma identidade africana, buscando a “africanização” da língua colonizadora (introduzindo frases em quimbundo e no uso frequente, por exemplo, de corruptelas) refazendo-se e condicionando-se à realidade angolana. A língua torna-se mãe, nela o poeta expressa os seus sentimentos, recriando-a a partir de vocábulos africanos: “O poeta submete o poema ao ritmo, dando assim à música o importante papel que lhe cabe nas sociedades negras. Neste caso, a palavra do poema, sendo embora inicialmente portuguesa, africaniza-se, angolaniza-se, graças ao ritmo” (MARGARIDO 1994, p. 102). Ou seja, na poética de António Jacinto a língua portuguesa “angolaniza-se”, dobrada pelo ritmo, violando regras tradicionais e indo ao encontro das dialéticas modernistas do começo do século; a “destruição” de sistemas vigentes era importante para formar uma nova “identidade” na sua poesia, na literatura angolana, mesmo que para isso fosse preciso “africanizar” a língua portuguesa.

Analisando a obra poética do autor – refiro-me às obras *Poemas* (1982) e *Sobreviver em Tarrafal de*

*Santiago* (1985) – deparamo-nos com diversas temáticas que procuram demonstrar uma multiciplidade de mensagens que vão desde versos em volta da poesia de combate (por exemplo, “Monangamba” e “Castigo pro comboio malandro”) e da preocupação metapoética e autocrítica da sua produção artística (“As palavras”, “As sensações” e “Ofício”), a temáticas que exprimem o sentimento amoroso (“Carta dum contratado”), ligadas à solidão (“Se disser”), à sensualidade (“Vadiagem”) e ao exílio (“Doramor”), sem esquecer a reflexão sobre a morte (“Quando alguém nos morre”), nem deixar de observar o quão problemático é o caso social da mulher angolana (em “Naufrágio” e “Poema da Alienação”). Contudo, selecionaremos alguns poemas para uma melhor análise de algumas “mensagens” presentes no discurso poético de António Jacinto.

No poema “Carta dum contratado”, a problemática do analfabetismo é exposta através de um “eu” lírico que gostaria de escrever uma carta à amada:

Eu queria escrever-te uma carta  
amor,  
uma carta que dissesse  
deste anseio  
de te ver  
deste receio  
de te perder  
deste mais que bem querer que sinto  
deste mal indefinido que me persegue  
desta saudade a que vivo todo entregue...  
[...]

Eu queria escrever uma carta  
amor,  
que recordasse nossos dias na capôpa  
[...]  
que a não lesses sem suspirar  
que a escondesses de papai Bombo  
que a sonegasses a mamãe Kieza  
que a relesses sem a frieza  
[...]  
(JACINTO, 1982, p. 29-30)

Porém, não pode fazê-lo porque não sabe escrever, e, mesmo que soubesse, a amada não sabe ler:

Eu queria escrever-te uma carta...  
Mas, ah, meu amor, eu não sei compreender  
por que é, por que é, por que é, meu bem  
que tu não sabes ler  
e eu – Oh! Desespero – não sei escrever também!  
(JACINTO, 1982, p. 31)

A simplicidade vocabular tonaliza este poema que se propõe, de forma muito subjetiva, refletir sobre uma

<sup>7</sup> Ressalve-se aqui como os teóricos Warren e Welck se referem ao tipo de análises entre a Literatura e a Sociedade: a sociologia do escritor e das instituições da literatura; a questão da base económica da produção literária; a origem e condição social do escritor, a sua ideologia social, que pode encontrar expressão em afirmações e atividade extraliterárias; o problema do conteúdo social, das implicações e finalidades sociais das obras literárias em si próprias; o problema do público e da verdadeira influência social da literatura. A questão de apurar o ponto até onde a literatura é efetivamente determinada pelo ambiente social ou dele dependente constitui, de uma forma ou de outra, aspetos comuns a três problemáticas: a sociologia do escritor, conteúdo social das obras em si, e influência da literatura na sociedade (cf. WARREN; WELCK, 2001, p. 57).

questão social a partir de uma história de amor. Um alguém já da intimidade desse “eu”, pois trata-o como “tu”. O pretérito imperfeito do modo conjuntivo indicia o desejo de que algo viesse a acontecer: “dissesse”, “lesses”, “relesses”, “recordasse”, geram angústia pela incerteza desse “talvez” – remetendo-nos a uma saudade, que só pode ser transmitida por carta:

O desejo de escrever a carta (de amor ao amor) entrega-se em modo a um hipotético, de si já estruturado num Modo-Tempo condicional (queria...), deste modo alargando o campo lógico semântico da impossibilidade: uma carta que ta levasse. O vento agente de informação, poderia ser o concio africano para levar a carta [...]. O poema cai na tentação de perpetuar, para além do canto-lamento, o desejo. (MONTEIRO, 2001, p. 223-224)

As palavras do título expressam a condição do “eu” lírico: um contratado, ou seja, um novo escravo, subjugado pela sua ignorância – iludido com a falsa promessa de um contrato. Neste sentido, o poema retrata Angola a partir de uma visão realista, porém, intimista; algo intrínseco que transcende a relação com os objetos descritos, pois o importante não é o objeto, mas como o “eu” se observa perante o seu mundo: a constatação da sua escravidão e do seu analfabetismo.

Notamos também no “Poema da Alienação” que, mais uma vez, o recurso da figura de estilo hipotipose<sup>8</sup> é utilizado por António Jacinto. O poema representa, no enunciado poético, todo o proletariado que não tem consciência dos próprios atos, pois está “preso” a um sistema que o condiciona a ser um “alienado”. Desta maneira, o poeta busca uma identidade através da dicotomia entre branco e negro, colonizador e colonizado, proletariado e burguesia, regressando às origens culturais num compromisso social e assumindo a sua poesia como aquela que advém das massas populares angolanas:

O meu poema vem do Musseque  
ao sábado traz a roupa  
à segunda leva a roupa  
ao sábado entrega a roupa e entrega-se  
à segunda entrega-se e leva a roupa  
(JACINTO, 1982, p. 49)

Por isso, na representação de si e do outro, seja de classe social desfavorecida ou colonizador, a identificação com o cenário de origem permite-lhe assimilar, de acordo com a sua escolha ideológica, valores na perspetiva crítica

de quem olha extrinsecamente os seus semelhantes e a si mesmo, num confronto dialético e empírico de si com o outro: “o poeta procura definir o Outro não em relação ao seu comportamento pessoal, mas antes define o Outro perante o grupo étnico de que faz parte” (MARGARIDO, 1980, p. 288):

o meu poema é um poema que já quer  
e já sabe  
o meu poema sou eu-branco  
montado em mim-preto  
a cavalgar pela vida.  
(JACINTO, 1982, p. 51)

Ou seja, como exemplifica este poema, existe uma procura de um eixo identitário, o “eu” lírico regressa a si mesmo, às suas origens culturais, demonstrando que o que tem a posse é o “branco” e o que é explorado é o “preto”, apontando assim o verso e o reverso étnico do contexto angolano. E não só: há quase sempre uma preocupação de criar os seus versos de acordo com uma proposta metapoética:

Não é este ainda o meu poema  
o poema da minha alma e do meu sangue  
não  
Eu ainda não sei nem posso escrever o meu  
poema  
o grande poema que sinto já circular em mim  
(JACINTO, 1982, p. 48)

Uma das características deste poema é um cuidado extremo para poder ocupar ao máximo, como ocorre em muitas peças, o espaço em branco da folha, com diferentes espaçamentos, o que torna alguns textos compostos de um verdadeiro zigue-zague, fazendo com que a repetição de certos versos, as anáforas, pressionem o leitor a entender uma mensagem que precisa ser compreendida enfaticamente, como também permite perceber as diferentes partes móveis, a surpresa, como uma inquietação que venha ir de encontro com as próprias indagações do autor. Nota-se também a falta de pontuação, para fazer com que o leitor mentalmente pontue o texto, dando o seu ritmo próprio, ativando uma certa sonoridade que tem um objetivo específico em cada composição, como assim constata Benjamim Abdala Júnior referindo-se ao poema “Monangamba”

O som e a dança não se restringem a momentos de excepcionalidade. [...] acaba por marcar o cotidiano ritualizado dos movimentos dos trabalhadores, como pode ser observado no poema ‘Monangamba’, de António Jacinto Monangamba é proletário para todos os serviços, compelido muitas vezes ao trabalho forçado. O poeta decifra os signos da paisagem que

<sup>8</sup> Aliás, segundo Rosely Lopes há na poética jacintiana vários recursos que teriam uma intenção clara: “Jacinto, para abordar o tema da violência, explora a linguagem poética, recorrendo à metáfora, à ironia, à onomatopéia, às alusões, a pistas em seus poemas que acabam por denunciar violência e tensão social latentes.”(2001, p. 4).

se projetariam na realidade social. Tudo ao som e ritmo populares. E assim o poema, além de espaço de figuração de processos da imaginação, mostra-se capaz, pelos seus códigos e símbolos, de ativar a realidade social. Não se limita a um protesto silencioso contra o sistema de desumanização, mas exprime uma “mensagem” que transcende a cadeia estética na medida em que sugere a negação da realidade social existente – um transbordamento para uma práxis transformadora na esfera do político e do social (2005, p. 34-35).

Outro fator preponderante em seus versos, como notamos em “Poema da alienação”, é o trabalho contínuo de reflexão poética, factos observados mais parentoriamente nos poemas escritos no campo de concentração do Tarrafal de Santiago<sup>9</sup>, como um exercício de autoavaliação e exemplificação de problemas puramente artísticos, como compete a qualquer poeta. Por isso, “Profecia”, “Descobrimento (À Rua da Pedreira)”, “As palavras”, “As sensações” e “Ofício” denotam o fazer poético através de um trabalho de laboratório de escrita: “Começo o poema/ .../ Recomeço o Poema”, em “Ofício” (JACINTO, 1985, p. 63), transmitindo a ideia de que “as palavras são a carne/ e esqueleto/ e sangue”, em “As palavras” (JACINTO, 1985, p. 52). Sobre este trabalho de reescrita, que era frequente, confessa António Jacinto em entrevista a Michel Laban:

Entre aquela que se escreve para um determinado fim (e que tem que cumprir, imediatamente, esse fim) e aquela que se escreve e que é pensada, que é meditada, que é revista diversas vezes, que é guardada e que, passado uns meses, ou um ano, ou mais, se pega e se corrige – corrige ou para, também não sei... que se modifica (1991, p. 171).

Outras “mensagens” subjacentes na sua poética relacionam-se com vivências no amor que focam, primeiramente, a condição de exilado, que transmuta um misto de sensações em redor do caráter télurico, o isolamento forçado na ilha do Tarrafal: “Que marítima alga nos teus cabelos/ me canta de corais e viagens além?/ Que frutos nos teus olhos belos/ paisagens futuras amadurecem”, em “Saudadimento” (JACINTO, 1985, p. 72); ou pelo contrário, retrata um boémio, preocupado em cantar o amor: “Lua morna a cantar com a gente/ as estrelas se namorando sem romantismo”, em “Vadiagem” (JACINTO, 1982, p. 47). Ou seja, na poética jacintiana o amor é condicionado pela mudança de espaços e reflete o caráter social daqueles que são separados em benefício do colonizador, como vimos já em “Carta dum contratado”, poema escrito antes do seu encarceramento, no qual o

sujeito lírico evoca a saudade amorosa como meio para o lamento sobre o seu analfabetismo.

Em suma, podemos concluir, através das considerações de Costa Andrade sobre a chamada “poesia de combate”, no prefácio da obra *Poemas* de António Jacinto, todo o pendor épico que sustenta a produção literária jacintiana:

A poesia épica, a que excepcionalmente se realiza, tem sobrevivido as épocas. A poesia de combate imediato tem muitas vezes vivido apenas a circunstância do seu presente de acção. A poesia de António Jacinto consegue ser superior e perene porque combatendo frontalmente com raiz as causas que a motivam não é poesia da circunstância: atinge a voz do arauto histórico, ganha a dimensão épica das grandes vitórias sem ser poesia épica, na forma ou nos instrumentos de que se constrói (ANDRADE, 1982, p. 9).

Após algumas considerações em torno dos conteúdos temáticos da poética jacintiana constatamos que, decorrente de determinado contexto histórico, existe uma poesia de função social que, mas que para além do compromisso de reflexão sobre situações histórico-nacionais, não se perde em posicionamentos políticos, nem tampouco deixa de ser efetivamente poesia, de acordo com o que acreditava António Jacinto:

Nada pode ser mais satisfatório ao coração de um poeta que o seu encontro com a Poesia. O poeta vive poesia, sente poesia, respira poesia. A poesia será, pois, o seu elemento. Poderá não saber falar de poesia; que isso fique para os críticos, como um dia disse Frederico Garcia Lorca. Saberá, porém, sentir Poesia. Sentirá, sempre, o prazer do encontro com a poesia: a sua, a dos outros, a da natureza, a dos Homens (JACINTO, [s.d.], p. 3).

Enfim, António Jacinto procurou denunciar as barbáries e preconceitos referentes aos novos escravos: o “contratado” que é explorado, humilhado e levado às condições mais indignas. A característica identitária principal da sua poesia é o querer transformar a língua portuguesa – e assim o faz – numa língua identitária do povo angolano, subvertendo-a ao contexto africano e despojando-a de toda a rigidez do português europeu.

Isto quer dizer que a intenção de produzir uma literatura, para António Jacinto, além de corresponder a necessidades vitais que ele mesmo assumia – culturais, afetivas e políticas –, caracteriza-se também pelo entendimento do fenómeno literário (em factos expressos através da sua produção poética) como prática constituída em função de critérios sociais; sobretudo, mas não só, já que temáticas em volta da metapoesia, e do sentimento amoroso também nos deleitam no seu lirismo.

<sup>9</sup> António Jacinto foi preso pela Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE) em 1961 e levado para Tarrafal, em Cabo Verde, obtendo a liberdade apenas em 1972.

## Referências

- ANDRADE, Costa. Prefácio. In: JACINTO, António. *Poemas de António Jacinto*. Luanda: Inald; Porto: Limiar, 1982. p. 5-9.
- ANDRADE, Costa. *Literatura angolana (opiniões)*. Prefácio de Henrique Abraches. Lisboa: Edições 70, 1980.
- ERVEDOSA, Carlos. *Roteiro de literatura angolana*. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 1979.
- ERVEDOSA, Carlos. *A literatura angolana (resenha histórica)*. Lisboa: Edição da Casa dos Estudantes do Império, 1963.
- FERREIRA, Manuel. *No Reino de Caliban II, Angola e São Tomé e Príncipe*. Lisboa: Plátano, [19??].
- FERREIRA, Manuel (Org.). *Mensagem. Boletim da Casa dos Estudantes do Império*. Lousã: ALAC, 1996. v. I: Nota prévia de Orlanda Amarílio. Introdução de Pires Laranjeira.
- JACINTO, António. *Poemas de António Jacinto*. Prefácio de Costa Andrade. Luanda: Inald; Porto: Limiar, 1982.
- JACINTO, António. Prefácio. *Poesia de combate*. Porto: Comité de Acção do M.P.L.A., [19??]. p. 2-5.
- JACINTO, António. Encontro com António Jacinto. In: LABAN, Michel. *Angola. Encontro com escritores*. Lisboa: Fundação Eng. António de Almeida, 1991. v. 1.
- JACINTO, António. *Sobreviver em Tarrafal de Santiago*. Luanda: Inst. Nacional do Livro e do Disco, 1985.
- JUNIOR, Bejamim Abdala. António Jacinto, José Craveirinha, Solano Trindade – O sonho diurno de uma poética popular. In: *Via Atlântica*. São Paulo: USP, 2002, p. 30-39. v. 5. Disponível em: <[http://www.fflch.usp.br/dlc/posgraduacao/ecl/pdf/via05/via05\\_04.pdf](http://www.fflch.usp.br/dlc/posgraduacao/ecl/pdf/via05/via05_04.pdf)>. Acesso em: 10 out. 2012.
- LARANJEIRA, Pires et al. *Literaturas africanas de língua portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
- LARANJEIRA, Pires. Introdução: uma casa de Mensagens anti-imperiais. In: FERREIRA, Manuel. *Mensagem. Boletim da Casa dos Estudantes de Império*. Lousã: ALAC, 1996. v. I, p. 11-31.
- LOPES, Rosely Zenker Barbosa, A poesia de António Jacinto, In: *Revista Crioula*. 1. ed. Maio. São Paulo: USP, 2007. p. 1-9. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlc/revistas/crioula/edicao/01/Artigos/14.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2012.
- MARGARIDO, Alfredo. *Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa*. Lisboa: A regra do jogo, 1980.
- MARGARIDO, Alfredo. Prefácio. In: FREUDENTHAL, R. et al. *Antologias de poesia da Casa dos Estudantes do Império (1951-1963)*. Angola, São Tomé e Príncipe. Lisboa: ACEI, 1994. 1º v.
- MONTEIRO, Maria Rosa da Rocha Valente. *C.E.I. Celeiro do sonho. Geração da "Mensagem"*. Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos, 2001.
- RUSSEL, Hamilton. *Literatura africana*. Literatura necessária. Lisboa: Edições 70, 1981. I: Angola.
- SARTRE, Jean Paul. *Qu'est-ce que la littérature?* Paris: Gallimard, 1948.
- SOARES, Francisco. *Notícia da literatura angolana*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001. (Escritores dos países de língua portuguesa, 22).
- TRIGO, Salvato. *A poética da "Geração Mensagem"*. Porto: Brasília, 1979.
- WELLEK, René; WARREN, Austin. *Teoria da literatura*. Tradução de José Palla e Carmo. 5. ed. Mira-Sintra: Europa-América, 2001.

Recebido: 24/12/2012

Aprovado: 29/01/2013

Contato: famamario@gmail.com